

EDIÇÃO PORTUGAL TIME SPORT

PUBLICAÇÃO LÍDER DO DESPORTO IBÉRICO



BAIXE A EDIÇÃO DIGITAL



CLUBES COM HISTÓRIA III

REPORTAGENS EXCLUSIVAS: SC FARENSE | LEIXÕES SC | LEÇA FC

Pedro Lopes

Acima de tudo CONFIANÇA!!!



RE/MAX em Faro 2020 | 2019 | 2018 | 2017 | 2016 | 2015 | 2014



Para VENDER, COMPRAR e ARRENDAR! 966 506 560 | pmlopes@remax.pt

DESCARREGUE A APP

EDIÇÃO PORTUGAL TIME SPORT

PUBLICAÇÃO LÍDER DO DESPORTO IBÉRICO

FUTEBOL

ATUALIDADE

ENTREVISTAS

PASSATEMPOS

MODALIDADES

O QUE OS OUTROS
NOS DIZEM

DESPORTO E SAÚDE



E acede a toda a informação da sua equipa de futebol e de todos os desportos da sua cidade



REPORTAGEM EXCLUSIVA SC FARENSE 6

REPORTAGEM EXCLUSIVA LEIXÕES SC 22

REPORTAGEM EXCLUSIVA LEÇA FC 34

EDITORIAL

Ligação Matosinhos-Faro

Ao longo dos últimos meses a Portugal Sport dedicou-se a percorrer o país, com conteúdos de reportagem sobre históricas instituições portuguesas. Na terceira parte da rubrica Clubes com História, fomos a duas regiões de Portugal, tão distintas, mas tão semelhantes: Faro e Matosinhos.

Por todo o nosso país há clubes desportivos que fazem um ótimo trabalho nas diversas modalidades e na formação de futuros atletas, sendo que em alguns casos fazem um trabalho excepcional também em termos sociais. No entanto poucos clubes tem a simpatia e uma ligação emocional com a sua população, como é o caso do SC Farense, do Leixões SC e do Leça FC.

Três históricos do futebol nacional, com prestações fantásticas no campeonato nacional da 1ª Divisão e três clubes que hoje se mantêm como bandeiras das suas cidades, porque nos momentos negativos que atravessaram, os adeptos não deixaram as instituições cair. O Leça FC e o SC Farense tem uma história com algumas semelhanças em termos temporais: ambos os clubes viveram o seu auge na década de 1990 e atravessaram um momento de quase dissolvença no início do século XXI. Depois de passarem o cabo das tormentas, ambas as coletividades recuperaram quase em simultâneo o seu espaço no futebol português, apesar da realidade competitiva de ambos os clubes ser neste momento completamente diferente.

O Leixões SC por sua vez também teve os seus altos e baixos, oscilou entre a Primeira Liga e as ligas inferiores, sendo hoje a sua realidade a Liga 2 no futebol profissional. Se com o Leça FC tem como semelhança o concelho onde estão inseridos, com o Farense as parecenças são do ponto de vista emocional. Poucos são os clubes com a identidade de Farense e Leixões, com uma alma comparável apenas ao Vitória SC e em tempos antigos ao Vitória FC. Duas regiões do litoral separadas por mais de quinhentos quilómetros, mas com um patriotismo claro, onde os principais lemas prezam a força peixeira e a defesa do clube da terra.

Numa edição verdadeiramente bairrista, é com toda honra que a Portugal Sport apresenta nesta edição SC Farense, Leixões SC e Leça FC, três históricos e três massas adeptas verdadeiramente inconfundíveis, em duas regiões, onde o clube da terra, freguesia ou concelho, é o clube número um.

FICHA TÉCNICA



EDIÇÃO
JOSÉ LUIS FERNÁNDEZ

INFO@JLPUBLICACIONES.COM
WWW.PORTUGALSPORT.EU

MORADA
EDIFÍCIO BRASÍLIA
PRAÇA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE, N.º 113 - 5.ª
PORTO · 4100-359 · PORTUGAL

DIREÇÃO
JOSÉ LUIS FERNÁNDEZ

REDAÇÃO
JOSÉ COSTA
ANTÓNIO PEIXOTO

DEPÓSITO LEGAL: C 949-2020



A J.L. PUBLICAÇÕES S.L. informa que, nos termos do Art. 32.1 da Lei de Propriedade Intelectual, é totalmente proibida a reprodução total ou parcial dos artigos, fotografias e anúncios desta publicação, sem a autorização por escrito da Direção do jornal.

A Direção não se responsabiliza pelas opiniões, fotos e conteúdo dos seus colaboradores.

Se deseja dar a sua opinião sobre as nossas edições, comentar alguma sugestão ou tem interesse em encontrar um tema específico, por favor contacte-nos através do email: info@jlpublicaciones.com.

Siga-nos em www.portugalsport.eu e nas Redes Sociais:



ENTREVISTA AO AGENTE IMOBILIÁRIO PEDRO LOPES

“O cliente para mim é acima de tudo uma pessoa. Lido com essa pessoa como lido com um amigo, ou com um familiar”



PORTUGAL SPORT – Conte-nos de que forma e em que circunstâncias ingressou no mundo imobiliário. O que é que o atraiu neste segmento profissional?

PEDRO LOPES – A opção pelo mundo imobiliário surgiu um pouco por força das circunstâncias que a anterior crise económica me impôs em 2012. A minha área profissional, engenharia civil, atravessava também uma crise profunda, e por força da escassez de oferta de oportunidades do mercado de trabalho acabei por me obrigar, como tantos outros, a procurar trabalho noutra área profissional. Trabalhar no ramo imobiliário não estava nos planos, pois nunca me imaginei enquanto consultor imobiliário.

Como em tantos outros casos, a crise encarregou-se de fechar algumas portas, enquanto abriu outras, a possibilidade surgiu, aceitei o desafio e acabei por ser bem sucedido.

PS – O que é que considera essencial para um agente ter sucesso nesta área de negócio?

PL – Hoje em dia, um consultor imobiliário tem que desenvolver um trabalho muito completo inerente à venda de um imóvel, do primeiro ao último minuto. Quem tem esta profissão sabe que nos cruzamos e interagimos com tantos outros ramos, como advocacia, solicitadoria, entre tantas outras áreas. Até de psicólogos fazemos um pouco. Isso reflete-se numa exigência e numa intensidade de trabalho que obriga a que quem queira progredir na carreira a alcançar resultados, se dedique de corpo e alma no exercício desta profissão. Não há um meio caminho. Também não há propriamente uma receita secreta. Com dedicação e trabalho o agente terá certamente sucesso e irá construir

um caminho que lhe permitirá singrar neste ramo.

PS – De que forma é que o trabalho dos agentes imobiliários foi afetado pela pandemia inerente da COVID-19?

PL – Principalmente durante a primeira quarentena, o abrandamento significativo foi evidente e praticamente inevitável. Sem dúvida que foi uma fase de quase total de adaptação a toda uma nova realidade que praticamente ninguém previa nem havia experienciado, muito menos nesta profissão. Tivemos de nos reinventar na forma de trabalhar e sair da zona de conforto que era a realidade anterior à pandemia. Houve todo um conjunto de soluções que o consultor teve de procurar no sentido de fugir a uma estagnação.

Os recursos digitais utilizados no mercado imobiliário, já existiam em forte presença, mas acredito que foram ferramentas que foram potenciadas mais do que nunca, até porque na primeira quarentena o agente esteve praticamente impossibilitado de trabalhar normalmente devido às limitações de deslocação e às restrições impostas pela pandemia.

PS – Como caracteriza o mercado imobiliário de Faro?

PL – Diria que Faro tem um mercado imobiliário misto e que é um pouco transversal a vários segmentos. Podemos encontrar diferentes gamas de preços, variedade e tipologias de imóveis. Sempre foi essencialmente uma cidade e um mercado com uma componente presente de comércio e serviços, essencialmente de primeira habitação, que nos últimos anos tem vindo a aumentar a fatia do mercado de segunda habitação, muito por força do crescimento do segmento do alojamento local.

PS – Como é que o Pedro gere o seu cliente, desde o primeiro contacto até à dita entrega da chave na mão?

PL – O cliente para mim é acima de tudo uma pessoa. Lido com essa pessoa como lido com um amigo, ou com um familiar. Procuro sempre apoiar e auxiliar a pessoa de forma a que se sinta confortável durante todo o processo. Não gosto de descurar nenhum momento, para que no final a pessoa sinta toda a confiança para voltar sem hesitar, um dia que necessite novamente do meu serviço.

PS – Em termos de mercado, que contraste temos entre Faro hoje e Faro há nove anos atrás?

PL – Há nove anos atrás quando ingressei no mercado imobiliário a crise já se encontrava bem presente em Faro e no país. A construção nova já havia estagnado totalmente e o segmento do alojamento local era praticamente inexistente. Penso que entre outras estas são as duas principais diferenças. Hoje a construção nova recuperou ainda que peque por ser ainda pouca. Nesta fase acredito já devia existir em maior quantidade. O mercado pediu e ainda pede isso, pois a oferta é significativamente mais reduzida do que a procura.

Talvez por insegurança de quem constrói, e porque viemos de uma crise que deixou marcas profundas, tenha existido alguma precaução adicional que se traduziu num atraso do arranque no investimento na construção nova.

Quanto ao alojamento local, apesar do recuo imposto pela pandemia, está para ficar nesta cidade, até por força da componente turística que Faro tem hoje e que nem de perto tinha há nove anos atrás.

PS – Que comparação podemos fazer em termos de volume de negócios, quando analisamos o ano de 2020 e este primeiro semestre de 2021?

PL – Por força da primeira quarentena em 2020, foi inevitável sentir-se um abrandamento do volume de negócio. Ainda assim recuperei, e o mercado de um modo geral também, após o desconfinamento, mas era inevitável que a cicatriz da primeira quarentena fosse evidente. Este ano já há mais confiança no mercado, quer no cliente comprador, quer no cliente vendedor. O mercado já respirou de forma diferente e não se sentiu tanto o aligeiramento, que se sentiu no ano transato. Em resumo, penso que se evoluiu positivamente.

PS – Faro é um concelho saturado de empresas e agentes imobiliários. Existe mercado para todos atualmente? Em que é que o Pedro considera que se distingue dos demais?

PL – Sim, é verdade que existe actualmente mais que nunca um número muito significativo de agências e agentes imobiliários. Encaro isso de forma natural e acho que será sempre uma questão temporal para que o próprio mercado imobiliário selecione de forma natural quem está mais ou menos habilitado para exercer esta actividade. Pessoalmente acredito que me distingo principalmente na postura que assumo perante os meus clientes, mas também face aos colegas que me rodeiam todos os dias. Acredito e aposto sem hesitações na partilha de negócio. Os meus colegas, sejam consultores Remax ou não, conhecem-me e sabem que podem partilhar negócio com confiança. Acredito que o futuro do mercado imobiliário passa cada vez mais por esta lógica e que o contrário, não partilhar negócio, não faz qualquer sentido.

Identifico-me com essa forma de trabalhar em grande parte o meu sucesso parte por ai.

PS – As pessoas hoje estão mais bem informadas?

PL – Actualmente um cliente, seja um comprador ou vendedor, apresenta-se já com um conjunto de informação em quantidade e qualidade significativa, que não permite que o consultor imobiliário ignore essa condição. Hoje o cliente está claramente mais informado que há anos atrás, muito por força da informação disponível e facilmente acessível, o que faz com que o nível de exigência e qualidade do serviço do consultor imobiliário sejam cada vez mais elevados.

PS – Perspetivas de futuro?

PL – Para o resto do ano continuo a trabalhar num ritmo intenso e numa perspectiva optimista. Em 2022, quero acreditar que será um ano que nos irá permitir trabalhar de uma forma menos limitada, ainda que possa existir alguma incerteza associada à evolução mais ou menos favorável desta crise pandémica. De resto, encaro o futuro com a mesma dedicação que sempre empreguei. Tendo atravessado toda a crise económica anterior e a fase descendente do ciclo, de seguida a fase ascendente com a recuperação do mercado, dois anos de pandemia que ainda vivemos, acredito que me deixam habilitado para enfrentar qualquer desafio, sempre com o foco nos meus clientes e acima de tudo, na confiança que depositam em mim, que nunca me canso de agradecer e a quem aproveito para deixar o meu muito obrigado.





REPORTAGEM EXCLUSIVA SC FARENSE

ÉS DE FARO, ÉS FARENSE

Falar do Farense é falar de Faro, do orgulho do Algarve, é falar dos sensacionais anos 90, de Paco Fortes, mítico treinador e Hassan Nader, o rei dos goleadores. No entanto a história dos leões de Faro vai muito mais além, é uma história de persistência e de resiliência, num drama com final feliz, quase ao nível “hollywoodesco”.

O Sporting Clube Farense surgiu, como em muitos casos, com uma ligação emocional ao Sporting Clube de Portugal. O símbolo não engana, o nome também não. Primeiramente Sporting de Faro e posteriormente Sporting Clube Farense, 1910 é o ano em que os alvinegros deram o pontapé de saída. Reza a lenda que os equipamentos eram “Stromps” pretos e brancos, porque o objetivo era captar o desenho e as cores do Sporting CP, no entanto o contacto visual que tinham com os equipamentos do clube de Lisboa eram através de fotografias, na época a preto e branco.

Fazendo do estádio São Luís um santuário e com 24 presenças na primeira divisão nacional, o Farense é historicamente o clube mais importante do Algarve e também o clube com a maior massa adepta da região. De norte a sul do país, conta-se por uma mão o número de clubes com adeptos tão fiéis como os farenenses, sendo que na linha da frente estão os South Side Boys, claque dos leões de Faro, que desde 1994 acompanharam o clube, quer nos maiores sucessos, quer na maior das desgraças. Anteriormente o Farense foi apoiado por outros grupos de adeptos, nomeadamente a Alma Algarvia, Pujança Moura e Demónios Brancos.

UM FARENSE EUROPEU

O ano de 1990 será para sempre guardado como um dos melhores anos da história dos alvinegros. O Farense em 1989/1990 disputou a segunda divisão nacional, onde se sagraria campeão, além de que nessa temporada alcançaria pela primeira e única vez, uma presença na final da Taça de Portugal. Apesar de estar numa divisão secundária, os leões de Faro só parariam na final, tendo sido derrotados pelo Estrela da Amadora, na finalíssima, por 2-0. Na primeira final o jogo terminou empatado 1-1.

Após 1990 iniciava-se o período dourado do Farense, com excelentes resultados na Primeira Liga, conquistando os 7º, 6º e 9º lugares nas épocas seguintes, até que em 1994/1995 consegue alcançar o 5º lugar na prova e aceder a



Presidente: João Rodrigues

um lugar europeu. Apesar de ser derrotado pelo Lyon na primeira eliminatória, o Farense tinha-se tornado na primeira equipa do Algarve a conseguir 16 presenças na primeira divisão nacional, a ir a uma final da Taça de Portugal e a disputar uma eliminatória da Taça UEFA. Também em 1994/1995 pela primeira vez um jogador do Farense seria distinguido como melhor marcador do campeonato. Esse homem foi Nader Hassan, goleador marroquino que escreveu uma página dourada na história do clube.

De todos os nomes, o mais consensual no que respeita a protagonizar o sucesso do Farense, é Paco Fortes. Antigo jogador do Barcelona, o catalão chegou ao Algarve em final de carreira, ainda a tempo de ser considerado um dos melhores jogadores da história dos leões de Faro. Após terminar a carreira de futebolista, a história de Paco Fortes no Farense continuou, desta vez como treinador. E foi como treinador que viveu os momentos mais importantes no clube. Em 1989 não conseguiu salvar os alvinegros da descida, compensando no ano seguinte com a conquista da Segunda Liga e a presença na final da Taça de Portugal. Todas as conquistas do Farense nessa preciosa década de 1990, tiveram Paco Fortes como homem do leme.

Acusado de ser louco e genial, Paco Fortes ficou conhecido por ser um motivador e por inspirar jogadores e adeptos a abraçar um espírito mais comba-



WWW.PORTUGALSPORT.EU

tivo, dentro da realidade do futebol. Afastado do Farense desde 1999, ainda hoje é uma inspiração no seio do clube, porque apesar dos anos complicados que se seguiram, o Farense do catalão, tornou-se no espelho daquilo que todos os farenenses querem ver novamente na instituição.

UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

Dizer que o Farense iniciou o século XXI de forma trágica, é apenas o constatar de um facto. Em 2002 os leões de Faro desceram de divisão e regressaram à Segunda Liga, apenas para voltarem a descer outra vez. E outra vez. Em 2006, já na terceira divisão e com uma crise financeira que assassinava o clube a nível interno, o Farense ficou impossibilitado de inscrever uma equipa e foi desclassificado.

No ano seguinte, o Farense reativa o plantel sénior, tendo de disputar a segunda divisão distrital, longe do nível profissional de outros tempos. Da final da Taça de Portugal para a distrital do Algarve, ficaram apenas os adeptos. Independentemente da divisão onde estava o Farense, os adeptos marcaram sempre presença e não deixaram o clube morrer. Apesar da crise, o regressado Farense conseguia vencer facilmente a segunda divisão distrital e iniciar uma longa jornada de ascensão.

Em 2008 o Farense vence a primeira divisão distrital e regressa aos nacionais, com uma média de assistência de 2000 adeptos, no estádio do Algarve. Até 2013, o Farense viveu um percurso de subidas e descidas nas ligas semi-profissionais, até que na temporada 2013/2014 o clube volta a disputar a Liga de Honra, onde consegue um 10º lugar na classificação final. A melhor classificação do clube em mais de uma década.

O sucesso da Segunda Liga não durou muito e em 2016 o Farense regressou ao Campeonato de Portugal. A descida de divisão levou a fortes constrangimentos económicos e o futuro do clube voltou a estar em risco. Com muita dificuldade o Farense conseguiu inscrever uma equipa no Campeonato de Portugal, muito por força do esforço de uma nova direcção, liderada por João Rodrigues, que reuniu condições para erguer um novo plano desportivo do clube e mantê-lo em atividade na temporada 2016/2017.

Em 2018 o Farense voltou à Liga 2, com uma estabilidade interna que há muito não vivia. Com alguma dificuldade, os algarvios conseguiram garantir manutenção em 2018/2019, o que tornou possível colocar em marcha um plano de investimento do clube, com um reforço na equipa, no staff e na estrutura da instituição e da SAD, de forma a alavancar o Farense para novos voos. 19 anos depois, o Farense acabaria por conseguir finalmente o regresso ao maior palco do futebol nacional, quando a Liga 2 foi interrompida e cancelada. Com o Farense em segundo lugar ao fim de 24 jornadas, foi decidido

que o clube algarvio seria promovido à Primeira Liga nacional. Após 19 anos onde a força do clube subsistiu não nos resultados desportivos, mas na força dos adeptos, quis o destino que a única participação do Farense na Liga Portugal em duas décadas, fosse com os estádios interditos. Um twist verdadeiramente cinematográfico, culminado com a ironia da descida do Farense, a poucos meses da abertura dos recintos desportivos. Neste momento o Farense está a competir novamente na Liga 2 e o sonho é voltar à Liga Portugal, desta vez com maior reforço que o clube alguma vez poderia contratar: o estádio São Luís carregado de farenenses.



Treinador: Faná



AMARE

+ 351 938 965 725

AmareBeachClub

amare.beachclub

Avenida Nacente, 6, Praia de Faro 8005-520 Faro





O IDÍLIÇO AQUI TÃO PERTO.

CIDADE, MAR E RIA FORMOSA,
ESTE OUTONO PODE TER
TUDO, EM SEGURANÇA!

O Hotel Faro & Beach Club, um Resort Urbano descontraído no centro de Faro, em frente à Ria Formosa, espera por si para lhe proporcionar a melhor das estadias. Em trabalho ou lazer, sozinho, com amigos, colegas ou em família, no Hotel Faro encontrará o seu porto seguro a sul do país.

Esperamos por si!



www.hotelfaro.pt

Tel. +351 289 830 830 · E. reservas@hotelfaro.pt

ENTREVISTA A ANTÓNIO CORREIA, VICE-PRESIDENTE DO FARENSE

“Somos um dos clubes que mais adeptos move em Portugal”

PORTUGAL SPORT – O Farense está em franca progressão, sendo que o passado do clube também está bem documentado. Após 19 anos, com um recomeço na distrital, competindo vários anos em divisões inferiores, o Farense conseguiu o tão sonhado regresso à Primeira Liga. Foi ingrato esse ano ter acontecido com os estádios interditos?

ANTÓNIO CORREIA – O Farense é um clube histórico no futebol nacional. Temos 24 participações na primeira divisão nacional. A subida, vivida em tempo de pandemia, impossibilitou a presença dos adeptos no São Luís. E um clube como o Farense depende muito do apoio dos adeptos. Tal como o Leixões, o nosso clube vive da força dos torcedores, eles representam a identidade desta casa.

Disputar a Primeira Liga sem eles foi muito duro, além de um conjunto de outras situações, que prejudicaram efetivamente o Farense na época transata. Fomos maltratados pela arbitragem, tivemos jogos incríveis, tanto em casa como fora, mas acabamos muito prejudicados. E a imprensa foi unânime em considerar o Farense a equipa mais prejudicada do último campeonato. Também não tivemos a sorte que é manifestamente importante. Os últimos jogos correram mal e acabamos por descer e voltar à Liga 2.

Esta época começou mal, com situações que fogem um pouco ao paradigma das equipas, que é o caso do relvado do São Luís e até vamos ter de fazer alguns jogos no Estádio do Algarve. Perdemos ainda alguns jogos no último minuto, por isso não temos tido sorte. Mas a época começou agora e estou convicto que vamos recuperar o tempo perdido. Temos muita esperança em conquistar almejada subida ainda esta temporada.

Temos agora um treinador da casa, que esteve ao leme da nossa equipa em anos áureos deste clube, na década de 1990, que foi adjunto do Paco Fortes, que esteve na final da Taça contra o Estrela, nas competições europeias também. Acredito que o Faná nos vai ajudar muito neste período em que mudamos de treinador.



Vice-presidente: António Correia

PS – A pandemia veio bloquear o desenvolvimento das modalidades do clube?

AC – Na formação e nas modalidades houve um abrandamento. Os pais também tem receios e não querem levar os filhos ao desporto neste momento. Mas continuamos com muitos atletas a representar o Farense na formação de futebol e nas modalidades, como no futsal, basquetebol e o boxe. Neste momento temos mais de 1000 atletas no clube.

Temos uma população que está também ligada ao clube, o termo “És Faro, és Farense” existe por algum motivo e somos também um concelho muito ligado ao desporto. Temos também uma excelente massa associativa, e uma das melhores claques do país. Dentro da realidade que é Faro, temos uma





Rapzes

Restaurante

comida única num

AMBIENTE EXCLUSIVO



Quinta das Raposeiras, 8005-527 Faro, Portugal

T. 289 107 777

ABERTOS DE TERÇA A DOMINGO



massa associativa sempre presente. A claque vai sempre ver os jogos fora, nunca faltou apoio ao Farense nesse sentido. Com os recintos desportivos interditos não tivemos apoio em campo, mas sabemos que os sócios estão connosco sempre.

Em termos percentuais, somos dos clubes no país que move mais adeptos. Semelhante ao Vitória SC, ao Vitória FC e ao próprio Boavista. E estamos a falar de cidades com maior população que Faro. Se formos a ver em termos percentuais, o Farense é bem capaz de transportar mais adeptos que esses clubes, que tal como nós, são bairristas.

PS – O sucesso desportivo recente do clube, tornou o adepto do Farense mais exigente com a equipa?

AC – Sim, sem dúvida nenhuma. Os resultados galvanizaram os adeptos. O COVID-19 refrescou um pouco as coisas. O Farense faz o seu campeonato em casa. Jogar no São Luís sem os adeptos prejudicou a força da equipa, precisamente porque o Farense é um clube que faz o seu campeonato com os jogos em casa. E sei que os adeptos exigem mais e melhor.

PS – Além dos pergaminhos do futebol, o futsal assume-se também como um projeto ambicioso no seio do clube?

AC – O futsal do Farense está a crescer há cerca de 10 anos a esta parte. Começamos com uma equipa de futsal sénior apenas. Hoje temos equipas em todos os escalões de formação. Nos seniores já tivemos a subida à primeira divisão nacional ao nosso alcance por três vezes. E falhamos na última jornada.

Neste momento estamos na segunda divisão, que está cada vez mais competitiva, mas estamos prontos para a luta. Apenas o Portimonense tem uma equipa na primeira divisão, nós estamos na segunda e o Albufeira Futsal na terceira. Neste momento este é o panorama do Algarve no futsal masculino. No feminino estamos na primeira distrital, mas com uma bela equipa.

PS – Que razão encontra para o facto de que nos últimos 20 anos, a zona sul do país ter perdido tanta força competitiva?

AC – O Algarve é uma região com muitas limitações em termos populacionais. Em toda a região há cerca de 500 mil pessoas a residir. No concelho de Faro há 50 mil habitantes. Não é fácil conseguir o recrutamento de miúdos. A formação de jogadores aqui é muito complicada por causa disso mesmo. Por isso é que para termos uma equipa forte, temos de ir buscar lá fora, temos de contratar. Felizmente hoje temos um presidente extraordinário na pessoa do João Rodrigues, que tem feito tudo o que é possível para que o Farense esteja recheado de bons valores e que consiga competir com as outras equipas.

Mas com a falta de população é difícil recrutar miúdos com qualidade, comparativamente com a realidade de Lisboa ou Porto. Mas mesmo sem a prata da casa, vamos dar tudo para elevar o Farense.

PS – Será possível fazer da formação um dos pontos fortes do clube?

AC – A formação será sempre importante. Mas quando os miúdos tem talento, os olheiros do Benfica e do Sporting aparecem e recrutam os jogadores. E todos os miúdos querem ser o Cristiano Ronaldo, querem jogar nos grandes, e nós não os podemos prender ao clube.

Acabamos por ter uma limitação nas camadas jovens, no que diz respeito a conseguir fazer a ponte de atletas da formação para o plantel profissional. Há muitas limitações em relação à nossa capacidade de recrutar crianças e segurar os maiores talentos da região.

PS – Existe a possibilidade de aumentar o número de modalidades do clube?

AC – Estamos a estudar essa possibilidade. Além do futsal, temos também o basquetebol com um projeto interessante a longo prazo. E temos o boxe. O boxe é praticamente sénior e com atletas completamente focados e dedicados à sua modalidade. Até porque para se competir no boxe é preciso realmente gostar muito do que se faz.

Todas as modalidades devem ser auto-sustentadas e o Farense tem as portas abertas em albergar mais desportos. No entanto, com a descida de divisão no futebol profissional, estamos a juntar os principais esforços para colocar a equipa de de novo lá em cima. Íamos abrir a secção do atletismo já este ano, mas com o foco do futebol deixamos a modalidade um pouco em stand by. Mas brevemente teremos novas modalidades no clube.

Também éramos para avançar com uma equipa de futebol feminino, mas com as adversidades que tivemos com a COVID-19 e com as descida de divisão, descuramos um bocadinho esse segmento. É um projeto para a próxima época.



Quinta
do
Sr. CABRITA



Caminho do Alpuvar. Albufeira, 8200-397

Tel: +351 963 668 857 | +351 914 551 493
E-mail: quintadosrcabrita@gmail.com



[quintadosrcabrita](#)



[quintadosrcabrita](#)

Website: <https://quintadosrcabrita.wixsite.com/albufeira>

ENTREVISTA A DAVID CUSTÓDIO, COORDENADOR TÉCNICO DO BASQUETEBOL DO FARENSE

“Representar o Farense tem uma responsabilidade acrescida”

PORTUGAL SPORT – Imensas modalidades foram interrompidas com o surgimento da pandemia inerente à COVID-19. Que consequências teve o surto do novo coronavírus dentro da estrutura de basquetebol do Farense?

DAVID CUSTÓDIO – A pandemia custou-nos dois anos desportivos. A primeira época foi muito complicada. Só houve o início do campeonato. Em março parou tudo e estivemos quase um ano sem jogar. Investimos nos treinos online para manter os atletas da formação ativos, com aulas online a envolver dezenas e dezenas de atletas, numa altura em que ninguém podia sair de casa. Quando treinamos novamente, foi com o distanciamento obrigatório, e os miúdos começaram a desaparecer, muitos nem queriam vir treinar. Ainda assim, com entradas e saídas, não perdemos em número de atletas. Acabamos o ano desportivo com 140 inscritos.

Por sua vez os seniores também estiveram parados muito tempo. No regresso à competição, os jogos foram muito mal calendarizados. Muitos jogos em seguida, depois novas paragens, porque havia equipas em isolamento. Terminamos em julho o campeonato, mas espero nunca mais viver algo do género. Tivemos várias lesões, devido à falta de ritmo, foi muito mau. As várias e sucessivas paragens não foram boas para a saúde dos atletas.

Em termos financeiros também foi mau, porque não tínhamos ninguém no pavilhão, ninguém para os patrocinadores terem visibilidade. E perdemos também nesse aspeto. Perdemos muitos patrocínios.

PS – Quantos escalões tem o Farense? Como conseguiram combater o sedentarismo nesta fase delicada?

DC – O Farense em basquetebol tem neste momento 12 equipas de formação. A partir dos sub-6 até aos seniores.

No que respeita ao sedentarismo, o maior problema aconteceu com os mais velhos. Os mais novos estavam presentes sempre que podiam. Os mais velhos tornaram-se mais sedentários, com maior dificuldade em entrar na competição, no ritmo de treino.

Tenho alguns jogadores com qualidade para serem basquetebolistas na equipa sénior, no entanto hoje muitos privilegiam um aniversário de um amigo, ou

estar na própria PlayStation a jogar online, do que o treino de basquetebol. Esse tem sido um problema nos escalões maiores da formação do clube.

PS – O facto das modalidades na formação estarem há dois anos sem competir, vai trazer dificuldades na subida dos juniores ao plantel sénior?

DC – Essa é das melhores perguntas que se pode fazer. Os miúdos de sub-18 não competem há dois anos. São miúdos que com 14 e 15 anos não jogaram. E agora estão perto de apanhar uma realidade de seniores.

Com duas épocas desportivas onde ninguém jogou, formaram-se seniores de miúdos que não competiram em sub-18 e claro que isso vai trazer inconvenientes. São dois anos de aprendizagem que não podem ser recuperados.

PS – Na presente temporada, quais são os principais desafios do Farense no basquetebol?

DC – Temos dois. Queremos que a modalidade ganhe notoriedade em Faro. Vamos criar a dinâmica do 3x3, que denominamos de “Os reis do bairro”, onde vamos aos bairros do concelho desafiar a malta para partidas de 3x3. Aberto a todas as pessoas. Serão duas etapas e toda a gente, de todos os géneros e idades, pode praticar a modalidade no 3x3 e divertir-se. Na formação queremos passar de 60 para 100 atletas. Ao conseguirmos aumentar a visibilidade do basquetebol através destas estratégias e objetivos, vamos cumprir com o desafio de fortalecer a base da pirâmide do basquetebol do clube e assegurar o futuro da modalidade.

O outro desafio é ter o plantel sénior mais forte, que esteja ao nível da história do clube e que os miúdos da formação vejam os seniores como um sonho a ser alcançado. Porque para a base da pirâmide ser forte, o topo também tem de ser. Isso é que torna o clube atrativo e a modalidade notável.

PS – A camisola do Farense também “pesa” no basquetebol?

DC – Sim. Em Faro há duas equipas de basquetebol, com projetos sólidos de seniores. Mas a ca-





controlo futuro
condomínios e manutenção lda.

SERVIÇOS DE GESTÃO DO CONDOMÍNIO
SERVIÇOS DE LIMPEZA DO CONDOMÍNIO
SERVIÇOS SOS CASA

Urb. do Bom João - Praça da Alfarrobeira, n.º 4 - Lj 4B
8000-502 Faro

Tel. 289 093 577 | Telm. 912 391 880

email: controlofuturo@gmail.com

web: www.controlofuturo.com



LIMPEZA DE FACHADAS

- Limpeza e manutenção de vidros em locais de difícil acesso.
- Limpeza de fachadas.
- Limpeza de caleiras e algerozes.



MANUTENÇÃO DE EDIFÍCIOS

- Reparação, restauro, pintura e manutenção de estruturas metálicas de edifícios.
- Instalação de sistemas anti-pássaros.
- Pequenas reparações nas fachadas dos edifícios.



PUBLICIDADE

- Montagem e colocação de publicidade.
- Instalação de elementos decorativos fixos ou provisórios.
- Trabalhos em altura diversos.

SKYUP

Trabalhos Verticais em Altura

914 580 646 - 289 093 577

skyup.vertical@gmail.com

Urb. do João Praça da Alfarrobeira n.º 4 Loja 4B
800-501 Faro



O Big 3 e o Capitão: Shazier Lawson (Poste-Extremo), Rafael Wildner (Poste), Markus Jordan (Extremo) e Rodrigo Figueira (Base)

misola do Farense tem um preço acrescido. Em Faro há muitas associações desportivas, mas quer se queira ou não, o clube da cidade é o Farense. 'És de Faro, és Farense' é um dos lemas desta casa e nós passamos essa mentalidade aos nossos miúdos. Aqui eles além de praticarem basquetebol estão a fazer parte da história do Farense, o maior clube do Algarve e isso tem uma responsabilidade acrescida.

PS – No Algarve é fácil conseguir captar jovens para a modalidade?

DC – Sim. Temos 10 equipas de basquetebol no Algarve. De Vila Real de Santo António a Ferragudo há equipas de basquetebol, ou seja, quem quiser arranja facilmente uma equipa para competir e praticar desporto. No que respeita ao basquetebol, o Algarve tem todas as condições para ser uma região competitiva, porque o desporto aqui é bastante popular.

PS – Casos como Neemias Queta são a prova que o basquetebol em Portugal começa atingir um novo patamar em termos de categoria, ou é um caso excepcional?

DC – Além do Neemias, temos outro jogador que está a ser muito falado que é o Rúben Prey. Joga em Espanha e fez um campeonato da Europa sub-16 muito bom. A situação do Neemias nunca aconteceu antes e vai impulsionar o basquetebol em Portugal daqui para a frente. Se ele começar a jogar nos Kings, as pessoas vão ficar curiosas e a modalidade vai ser mais debatida nos grandes meios de comunicação social.

Mas ter mais alguém na NBA, seria quase como sair a lotaria. Há espaço para muito poucos na NBA. Em milhões de praticantes no mundo inteiro, poucos são os que lá chegam.

PS – O facto da NBA ter deixado já há quase vinte anos de ser transmitida em sinal aberto em Portugal, atrasou o desenvolvimento da modalidade?

DC – Há um problema grave na NBA logo desde o começo. O horário do jogo. É preciso gostar muito de basquetebol para estar disponível para ver um jogo às duas da manhã e ficar acordado até às cinco se for preciso. No entanto há muito mais basquetebol para se ver além da NBA. Temos Espanha que tem um campeonato fortíssimo e temos o nosso campeonato, que passa em vários canais de televisão.

Claro que a NBA é a maior liga e é um problema os jogos não darem canal aberto. Hoje ouve-se falar em basquetebol novamente e isso tem a haver com o trabalho que os clubes estão a fazer. Um dos grandes objetivos dos clubes de basquetebol nem é divulgar os resultados desportivos, mas sim divulgar a modalidade ao máximo. Ir à comunidade, aos bairros, ir buscar mais miúdos e ir por aí fora. Não podemos esperar que os miúdos vão à Internet e ganhem

o gosto pelo basquetebol. Somos nós que temos de apresentar o basquetebol aos miúdos.

PS – Como prevê o crescimento da modalidade dentro do Farense, a médio e a longo prazo?

DC – Esperava que já este ano chegássemos aos 200 atletas da formação, sem contar com os seniores. Esse é o objetivo principal desta época. O segundo objetivo é ter uma equipa sénior que os miúdos olhem e pensem 'é ali que eu quero jogar'.

Se conseguirmos isso, muitos não vão querer trocar de clube, ir para uma equipa mais forte, que é o que acontece. Se tivermos uma equipa mais forte nos seniores, eles não saem. Muitos até nem vão estudar para fora para se manterem no Farense. A médio prazo queremos colocar a equipa na liga inferior à ProLiga e o sonho seria a própria ProLiga.

Queremos também voltar a ganhar a na formação. Tivemos um título regional há oito anos com os sub-16, da geração de 1997. E precisamos de ganhar mais títulos. Queremos voltar a ser o Farense que domina o regional e vai jogar os nacionais cara a cara com as outras equipas.

Nesse sentido, desejo que os farensees apareçam para apoiar a equipa de basquetebol no pavilhão, e que apoiem este projeto para a modalidade. Sejam do Farense também no basquetebol.





Visite-nos

Areal Gordo - Sucata em Faro
Parque Multiusos do Areal Gordo Lote 2F
8005-409 Faro

E-mail: farmetais@hotmail.com

Telefone: 289 801 381

Telemóvel: 919 711 641

Web: <http://www.farmetais.pai.pt>



ENTREVISTA A VALTER ASCENSÃO, LÍDER DOS SOUTH SIDE BOYS



PORTUGAL SPORT – Começando por falar do seu percurso dentro da claque dos South Side Boys, quando é que o Valter se juntou ao grupo? É um dos membros originais da claque?

VALTER ASCENSÃO – Não. Não estou na claque desde a fundação. Tinha 10 anos quando a claque foi fundada, em 1994. Mas desde cedo que tenho uma “maluquice” por claques. Ainda em criança, ia com o meu pai ver os jogos do Farense fora de casa, quando íamos defrontar os grandes. E recordo-me de ver as claques desses clubes e achar tudo aquilo magnífico.

Fiquei fascinado com claques desde essa altura. Quando os South Side Boys apareceram fiquei vidrado com a claque do Farense. Mesmo sem estar nos South Side, já gostava em criança de ver os jogos ao lado deles. Já era adepto do Farense e ia ver os jogos todos do clube, se possível ao lado da claque.

Quando fui estudar para Lisboa, o Farense estava muito mal e praticamente os South Side Boys eram os únicos que procuravam apoiar o clube. O Farense andava no distrital a jogar com os juniores e a levar aos seis e aos sete e os South Side estavam lá. Quando voltei para Faro, os seniores do Farense foram dissolvidos e muito graças aos South Side, que procuraram apoios e apoiaram listas administrativas, foi possível mais tarde fazer uma equipa, a competir na segunda distrital.

Nesse ano em que voltei, não falhei jogo nenhum, nem no ano a seguir, na primeira divisão distrital.

Como via muitos jogos do Farense e era próximo dos South Side, juntei-me à claque nessa fase da história do clube. Devido à minha maneira de ser, sou uma pessoa que gostava de fazer as coisas, de ser ativo, tornei-me influente no grupo. Estive dois anos como membro não diretivo, depois fui convidado para a direção, onde fui vice, até que há coisa de três anos, tornei-me no presidente dos South Side Boys.

PS – Após 19 anos a militar em divisões inferiores, o Farense voltou a disputar a Primeira Liga em 2020/2021, com os estádios interditos toda a temporada. Foi inglório regressar ao topo nesta altura?

VA – Até vou mais atrás. É estranho dizer isto, mas o pior de tudo foi não termos subido no estádio. A pandemia entrou e nós festejamos com um sabor amargo. Ao fim de 19 anos e inúmeros sacrifícios, onde acompanhamos o clube por todo o lado, não podemos presenciar a subida ao principal patamar do futebol português. Durante anos a fio, saímos de madrugada para o norte para ver o Farense, chegamos a

ir à Madeira três vezes num mês, sempre para apoiar o Farense. Fizemos muitos sacrifícios pelo amor que temos a este clube. Sonhamos durante anos com o sonho do golo que marcaria a subida de divisão. Sonhamos muitas vezes com o final do jogo decisivo, com o abraço aos companheiros, todas as celebrações possíveis e tiraram-nos isso.

Não era nada disso que queríamos. Não vivemos do sucesso desportivo, vivemos do estádio, da paixão do futebol e das emoções. Tiraram-nos um sonho tão bonito. Foi terrível não termos direito a esse momento.



PS – Face a todos os condicionamentos inerentes à pandemia, qual foi o papel da claque na época passada?

VA – Dizer que se houvesse público não descíamos, é relativo. Mas a verdade é que o forte do Farense são os jogos em casa e não devemos ter tido uma época tão má em jogos em casa como o ano passado.

Como claque, íamos falar com os jogadores, para tentar motivá-los, ensiná-los os valores do Farense. Fizemos escolta aos jogadores até ao estádio por diversas vezes. Apoiávamos sempre que tínhamos essa hipótese. Chegamos a ir para cima de prédios apoiar. Com faixas, bandeiras, tudo. Jogo a jogo íamos pensando em maneiras de apoiar a equipa.

DRIVING IT
SINCE 2003



CARS &
CARS

COMÉRCIO AUTOMÓVEL

EN125 KM99 · 8005-412 FARO · WWW.CARSANDCARS.PT





PS – Além do futebol, os South Side Boys marcam presença no pavilhão para apoiar nas modalidades?

VA – Sendo justo, tem sido uma falha nossa. Queremos que seja uma política mais recorrente apoiar as modalidades. Sei que não é fácil ter tempo para tudo, o Farense já mexe com a nossa vida pessoal. Mas vamos tentar escolher jogos específicos para apoiar o futsal, o basquetebol e os jogos de formação. Para passarmos a mística do Farense a esses jogadores também.

PS – Qual é a opinião do Valter em relação ao cartão do adepto?

VA – É um problema para nós e para os clubes. Porque quem fez aquilo não percebe nada do que está a fazer, nunca deve ter estado num estádio de futebol. Aquilo tem regras absurdas, não sei qual é o objetivo deles. Mas tem regras discriminatórias. Nunca na vida fui a um jogo de futebol para criar confusões. Claro que o futebol mexe com emoções e as vezes as coisas tornam-se mais intensas. Muitas vezes até fora do estádio.

Mas sou um sócio como todos os outros, só que gosto de estar a cantar, a saltar, gosto da festa do futebol à antiga. E não percebo o porquê de ter de ser discriminado. Nós vamos às escolas tentar conquistar adeptos para o Farense. Explicar que este é o nosso clube da terra e que eles podem ir ao estádio connosco, e uma das regras atuais é que o cartão do adepto não é permitido a menores de 16 anos. Além dos miúdos das escolas, os filhos dos nossos membros também iam. E agora com o cartão do adepto vai ser um problema com os mais novos.

As autoridades e os dirigentes estão obrigados a cumprir com a lei, mesmo que não concordem com a mesma. Temos de respeitar a posição deles.

PS – O Farense é um dos clubes mais respeitados e admirados em Portugal. Uma das razões disso acontecer deve-se à força da massa adepta do clube, que conquistou a admiração dos adeptos de clubes adversários que visitaram o São Luís. Como se explica o bairrismo do Farense?

VA – É algo natural. Mas ao mesmo tempo trabalhamos para isso. E os South Side Boys tem tido um papel importante para expandir a mística do Farense. Nós fazemos campanha, pintamos paredes pela cidade toda com os nossos lemas. Além de que nós e o clube, somos um exemplo de persistência e de garra. Desde o distrital que tínhamos boas assistências e a nossa história é inspiradora para os adeptos do futebol.

Aliás, quando caímos, por um lado foi bom, pois separou o adepto bom do mau. Quem ficou, gosta mesmo, e felizmente foram muitos que ficaram. E ainda mais vieram. Nós colamos murais pelas cidade, temos faixas de apoio por toda a cidade. O clube já esteve de costas viradas com a cidade, mas nós queremos que, onde quer que uma pessoa vá em Faro, que veja o símbolo do Farense e os lemas do clube. És de Faro, és Farense.

Queremos que os adeptos sejam do Farense e de mais clube nenhum. Pode ser utópico, mas trabalhamos sempre nesse sentido.

PS – Os South Side Boys tem alguma inspiração em específico?

VA – Não temos uma inspiração específica. Gosto do movimento ultra italiano. Às vezes vejo um cântico ou uma coreografia e tento adaptá-los à nossa escala. Não há um grupo em específico que me inspire, gosto pessoalmente dos adeptos do Nápoles. O povo napolitano é louco pelo clube e estiveram com ele mesmo na terceira divisão italiana. Ter o estádio cheio com 70 mil pessoas na terceira divisão é inspirador.

PS – Como perspectiva para o Farense, a época 2021/2022?

VA – Nós vamos sempre acreditar até ao fim. Acabou de começar a época, temos de recuperar rapidamente, se queremos ainda lutar por objetivos. Mas eu apoiei o Farense quando jogava nos pelados. Já o vi o clube passar por tanto, por isso estar nesta posição hoje é muito bom. Eu vou ao estádio, apoiar a equipa e divertir-me. Se conseguirmos subir ainda bem, Se não, para o ano há mais.

Temos uma excelente direção, este foi mais um passo atrás, mas não tenho dúvidas que daqui a 10 anos vamos estar ao nível de um SC Braga. Temos um projeto para isso, mas é uma caminhada longa, com passos em frente e alguns atrás. Mas a longo prazo teremos sucesso.

PS – Qual é a memória mais marcante relacionada com o Farense?

CA – Foi uma descida de divisão. Numa segunda divisão B. Tínhamos subido, com um plantel curto, onde fomos impedidos de inscrever jogadores na pré-época. Era uma fase complicada, um ano muito duro. Fizemos uma primeira volta horrível. E depois chegamos ao ultimo jogo e precisávamos de empatar para manter a equipa na segunda divisão B. Estávamos a ganhar, tivemos um jogador expulso e perdemos o jogo. Mas essa época foi madrastra em todos os sentidos. Até o treinador morreu a meio da época. Tivemos uma segunda volta positiva, os jogadores deram tudo no último jogo e choraram quando perderam.

A atitude dos jogadores marcou os adeptos e nós aplaudimos fortemente essa equipa nesse dia fatídico. O Farense desceu, mas nós reconhecemos que os jogadores deram tudo, perderam porque os outros eram melhores. Mas deram tudo em campo e ganharam o nosso respeito. Foi um momento muito emocionante, num dia trágico e chuvoso.

O que tentamos passar aos jogadores é mesmo isso. Os outros podem ser melhores e ganhar, mas nós temos de ter garra e dar tudo em campo quando representamos o Farense. Só pedimos isso.



 967 775 780

Estrada do Paraíso, 10F Ferreiras, Albufeira 8200-567

www.casamineiraguesthouse.com





REPORTAGEM EXCLUSIVA LEIXOES SC



OS BEBÉS DO MAR SÃO IMORTAIS

Com 25 presenças na Primeira Liga, com um 6º lugar alcançado, com uma Taça de Portugal no palmarés e com uma rica história no voleibol e na natação, o Leixões SC é considerado em Matosinhos muito mais do que um simples clube. Num país fortemente dominado por três grandes massas de adeptos, o Leixões SC é uma das poucas instituições que ainda preserva o bairrismo dentro sua da comunidade, sendo que o verdadeiro leixonense tem e terá sempre apenas um clube.

A imortalidade dos bebés do mar existe graças aos adeptos e associados do Leixões, que ao longo dos anos fizeram não só questão de marcar presença

em todos os momentos, como em garantir que a memória dos antigos leixonenses nunca será esquecida. Aliás, o termo bebés do mar é ainda hoje atribuído à equipa no Leixões, quando os bebés do mar foram na verdade uma geração de miúdos que cresceram no clube e representaram brilhantemente a equipa do Leixões durante a década de 60. O Leixões era recém vencedor da Taça de Portugal, quando essa equipa de “bebés” surgiu em primeiro plano no clube, sendo que foi o histórico jornalista português Alfredo Farinha, o responsável por uma alcunha, que perdura até hoje.



É Provavelmente a esplanada mais bonita de Matosinhos e ganha pontos devido à sua excelente localização, com Metro disponível a pouca distância e uma vista deslumbrante da Praia de Matosinhos. Seja para almoçar, jantar, beber um chá, petiscar ou apenas tomar um café, o Ondas do Mar – Café Lounge é o seu lugar de eleição, no final da Avenida da Republica, no início da Marginal de Matosinhos. Esperamos por si para saborear as nossas refeições ou para apreciar os nossos cocktails.

ABERTO TODOS OS DIAS DAS 08:00 ÀS 02:00

Av. da República, 47
4450-208 Matosinhos

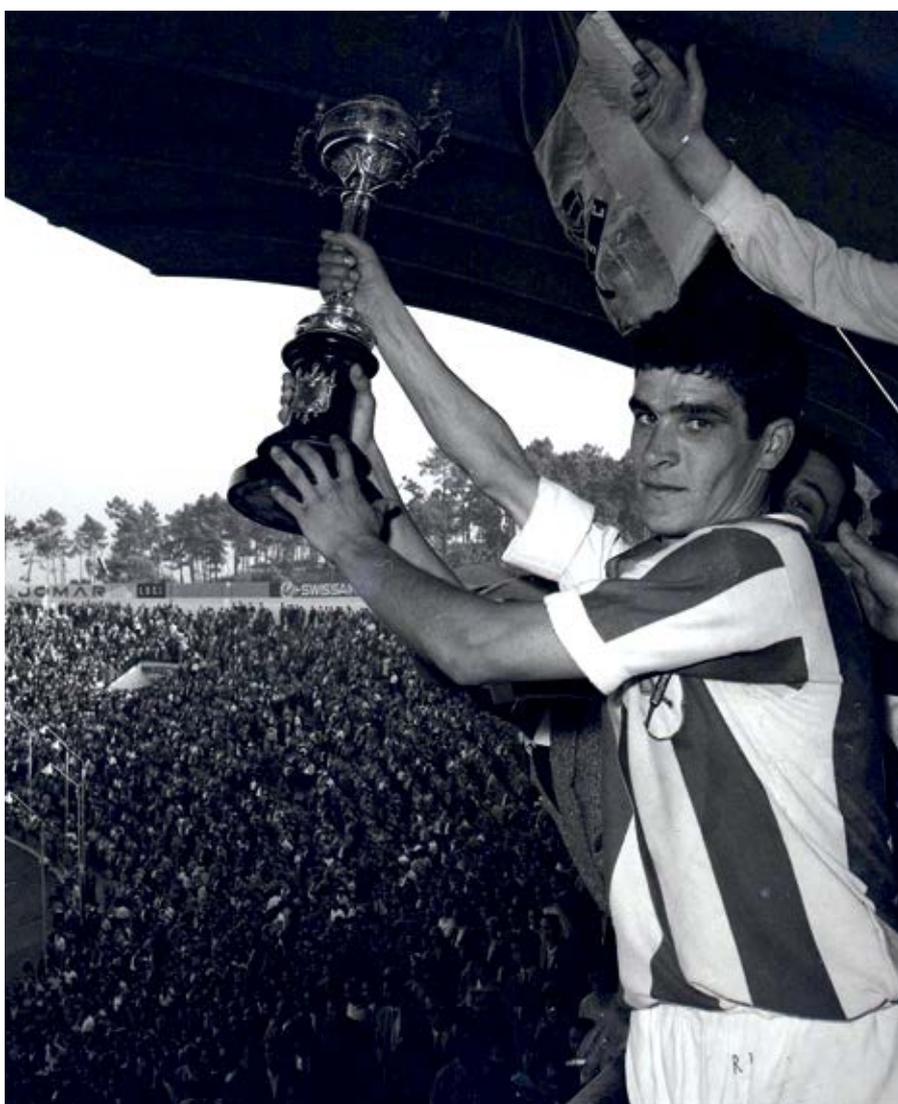
esplanadaondasdomar.com



Visit us:  

T. 22 937 65 13





Curiosamente essa geração marca também o começo do Leixões como uma escola de talentos, uma vez que o clube de Matosinhos foi durante várias décadas um dos baluartes da formação de jogadores em Portugal. Chico Faria, Jacinto, Folha, Fonseca, Tibi, Tozé, foram apenas alguns dos grandes nomes que passaram pela formação dos “bebés”.

De forma a que a história do clube nunca seja esquecida, mas procurando não viver do passado, o Leixões SC vive hoje um momento de viragem na sua história, após nos últimos anos terem perdido protagonismo no desporto nacional. Enquanto o voleibol feminino continua a dar cartas e a ser o ponto forte do clube em termos competitivos, os masculinos de voleibol, o futebol e a formação procuram regressar a um nível que respeite os pergaminhos e a história da instituição. O facto da massa adepta do Leixões ser uma das mais apaixonadas, assim o exige.

De forma a preservar o legado leixonense e alguns dos principais protagonistas da história do clube, foi construído no Complexo Óscar Marques (que está em processo de renovação, precisamente com o objetivo de alavancar a formação do clube) um mural denominado de “Um Legado de Memórias”. Esta obra foi criada também com o objetivo de inspirar uma futura geração de bebés do mar. Este mural é uma peça de arte urbana, que procura preservar as memórias, as histórias e o orgulho nas origens do clube. O mural procura “contar uma história” sobre o ponto de vista de Óscar Marques, figura maior do clube e o mentor dos ideais do Leixões, que perduram até ao dia de hoje e que influenciaram dezenas de figuras proeminentes do clube, que surgiram durante e após a sua passagem pelo emblema de Matosinhos. Juntamente com Óscar Marques, estão representados no mural outras figuras do clube, como Horácio, João Faneco, Esteves, Esmeralda Cruz, Teófilo, Avelino e o rei das subidas, Vítor Oliveira. Um parede com história, com alma e que fala através das imagens.





ENTREVISTA AO PRESIDENTE JORGE MOREIRA

PORTUGAL SPORT – O primeiro mandato do presidente aconteceu em grande parte dentro do período pandémico. Numa altura em que o Leixões já atravessava algumas dificuldades, de que forma a nova direção trabalhou para reorganizar e unir o clube?

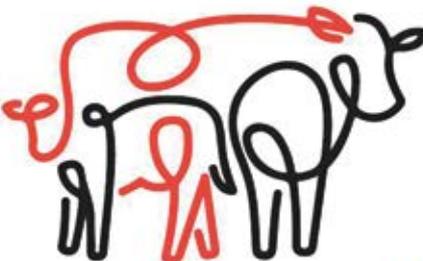
JORGE MOREIRA – Efetivamente, este mandato ficará marcado pela pandemia do surto de Covid-19 que assolou o Mundo, o qual acarretou uma série de consequências na atividade do Leixões Sport Club, evidentes na diminuição das receitas decorrentes da quotização de associados e atletas, sponsorização, donativos e apoios. A paragem competitiva da generalidade das modalidades e respetivas equipas de formação e a interdição de público nos recintos desportivos foi particularmente penalizadora para o clube.

A direção à qual orgulhosamente presido, teve o condão de transformar esta fase atípica numa oportunidade do Leixões Sport Club voltar a ocupar o “seu” papel principal, ligando, humanizando e lembrando as nossas origens, as conquistas, histórias, memórias e nobreza de todos os Homens e Mulheres que ao longo do tempo contribuíram para a grandeza do clube e defesa de Matosinhos.

Cientes da nossa missão, demos continuidade à aplicação das premissas preconizadas no programa sufragado: transparência, rigor e proximidade aos associados, simpatizantes e gentes da nossa terra.

Assim, neste ano atípico, em tempos de distanciamento nunca estivemos tão próximos dos nossos sócios e mostramos claramente sinais de FORÇA e UNIÃO:

- Maior dinamização das Redes Sociais até então “adormecidas” no Clube - Facebook, Instagram, Youtube e LinkedIn, onde foram criados momentos Lúdicos e de entretenimento - Jogos, Desafios, Passatempos, Entrevistas, Rubricas... que se traduziram em mais seguidores, mais engagement e num maior número de visualizações;
- Em plena época de confinamento encetamos uma atividade denominada “Os Melhores Sentimentos de Páscoa”, onde tivemos a felicidade de levar o Leixões Sport Club a casa de alguns dos nossos associados, os quais foram “mimados” com pequenas lembranças;

TALHO LEIXÕES
QUALIDADE E EXCELÊNCIA

RUA CONDE ALTO MEARIM, 720 4450-147 MATOSINHOS

☎ 229 378 400

RUA DA CRUZ DO PAU, 316 4450-103 MATOSINHOS

☎ 224 420 717





- Criamos rubricas/aulas online em diferentes modalidades, com o objetivo de combater o sedentarismo inerente ao confinamento e simultaneamente manter a ligação entre o clube e a comunidade;
- Lançamento da Rubrica Online “Por Falar Nisso”, que visa explicar e elucidar todos os associados sobre temas pertinentes da vida do Leixões Sport Club, tais como: o Estádio do Mar que contemplou 3 episódios;
- Início da Parceria com a xRadio, com a realização do - programa “Sentimento Leixões”, com o objetivo de promover a marca Leixões, preservar as memórias, histórias e feitos das nossas gentes, dar voz às “modalidades”, dar a conhecer as histórias contadas na primeira pessoa por ex: atletas/dirigentes e sócios do clube, mantendo os associados informados da realidade e modo de funcionamento do Leixões Sport Club.
- Encetamos um plano de recuperação de sócios, assente no perdão parcial da dívida em 50% - onde através da implementação de novos métodos de pagamento de quotas (transferência bancária e referência multibanco), registamos um aumento significativo de associados e valor de quotização.
- Na área da Responsabilidade Social, o Leixões Sport Club encetou várias ações junto da comunidade, através do desenvolvimento de uma série de atividades inseridas na Rubrica “Jogo Limpo”, as quais abordaram temas pertinentes como o Racismo, Bullying, ética e Integridade; Fair play, clinic, etc... com o objetivo de promover nos atletas, dirigentes e familiares a inclusão e os valores do desporto, do humanismo e da solidariedade.
Mais que um clube, somos uma instituição com forte responsabilidade social e não nos demitiremos do nosso papel.

PS – A perda de atletas da formação foi um flagelo para vários clubes e associações. Que realidade verificaram no Leixões?

JM – Atendendo ao ecletismo do Leixões, constatamos que as perdas mais significativas se registaram nas modalidades de voleibol e natação. Não obstante a perda de atletas, o Leixões congratula-se por ter sido o clube com maior número de atletas inscritos na AFPorto e AVPorto. Nesta fase, saliento a criação de rubricas/aulas online em diferentes modalidades, com o objetivo de combater o sedentarismo inerente ao confinamento e simultaneamente manter a ligação entre o clube e os atletas. Esta atividade transversal a todas as modalidades do clube foi determinante para a manutenção do vínculo entre atletas/clube.

PS – Qual foi o maior desafio neste primeiro mandato?

JM – Conhecer a verdadeira situação desportiva, patrimonial, jurídica, económica e financeira do Leixões. Sinceramente foram vários desafios, todos importantes, todos jogados fora dos campos e quadras. Os primeiros meses foram particularmente difíceis e onerosos, face à inexistência de contabilidade organizada, documentos de suporte e falta de liquidez (contas penhoradas). Encontramos um “Leixões” moribundo e “oco”, com o controlo das modalidades a estar sob a gestão de associações adstritas. Gradualmente e fruto de muitas horas/dias de trabalho invisível, aferimos: a delapidação do património do clube, com a venda de terrenos e expropriações, cujos valores, não foram utilizados para cobrir as dívidas do clube; uma série infundável de coimas, penhoras e dívidas a fornecedores, algo que só conseguimos estancar com a aprovação e homologação do PER – Programa Especial de Revitalização, através de Despacho no dia 4 de janeiro de 2020. Outro enorme desafio, foi elaborar um relatório de gestão transparente e rigoroso, capaz de plasmar a verdadeira realidade do clube. O mesmo foi apresentado e aprovado por unanimidade pelos sócios presentes na AG (algo inédito nos últimos 10 anos) e pode ser consultado no site oficial do clube. Como dá para perceber, o sucesso desportivo não tem feito parte do meu



discurso, porque a maior preocupação foi e é a situação financeira e institucional do clube. Mesmo assim, na parte desportiva conquistamos seis títulos nacionais de voleibol, ganhamos títulos no atletismo e natação e granjeamos 2 subidas de divisão no futsal.

Gradualmente estamos a criar condições para que todas as modalidades sejam autossuficientes e continuem de forma tão digna e exemplar, a transportar o nome do Leixões Sport Club, a todo o Mundo.

Em termos económicos, o Leixões Sport Club estabilizou as suas “contas” e trilhou um caminho sólido e com sentido de futuro.

PS – O regresso dos adeptos vai ser importante para que o clube consiga alcançar novos horizontes a partir desta fase?

JM- Sem dúvida. Os nossos associados são a grande força do clube, a principal razão da nossa existência e o principal património do Leixões Sport Club. São eles que transportam a identidade, o orgulho, a tradição e o sentimento do nosso Leixões.

Com a presença e apoio dos nossos indefectíveis adeptos estaremos sempre mais próximos da vitória, independentemente do adversário e do lugar.

PS – Essa cultura bairrista que define o Leixões há várias gerações é transmitida para os miúdos da formação?

JM – Sim. O nosso Leixões faz parte da memória coletiva dos Matosinhenses, tem uma identidade muito própria, que nos define e se revela em cada manifestação de vida ao longo da história, uma identidade que se confunde com a Cidade e as suas gentes – gente séria, honrada e trabalhadora, com forte ligação ao mar – o que explica o nosso orgulho peixeiro.



Somos filhos da Terra e é este sentido de pertença que nos une.

Na formação usamos o lema: Tradição, orgulho, sentimento, o qual representa os valores cultivados desde 1907. A tradição de passar este amor de geração em geração, defender o clube da terra; o orgulho nas origens, nas nossas gentes - o nosso orgulho peixeiro; o sentimento pelo Leixões, algo que nos liga e humaniza. Temos a obrigação e preocupação de explicar aos atletas as histórias e memórias do clube e de transmitir os valores que consideramos intocáveis e inegociáveis: respeito, compromisso, união/solidariedade, ambição, atitude, partilha, humanismo ...

Para nós muito mais importante que formar um bom atleta, é formar “Homens” e futuros adeptos do Melhor Clube do Mundo.

PS – A formação de jogadores assume cada vez mais preponderância dentro das estratégias e das perspetivas de futuro dos clubes em Portugal. Dentro da realidade do clube, até onde pode ir o Leixões no que respeita à formação de futebol?

JM – No que respeita ao futebol de formação, pretendemos a médio prazo voltar a ser uma grande referência na modalidade. Temos o dever de honrar os pergaminhos e perpetuar o legado dos Bebés do Mar, uma marca que nos define e caracteriza. Também não podemos esquecer, que foi um atleta do Leixões, filho de Matosinhos – Tozé Pereira, que capitaneou e ergueu o primeiro grande título de Portugal – Campeonato do Mundo sub 20, realizado em Riade (Arábia), no ano de 1989.

Estamos a palmilhar o nosso caminho, sabendo que o futebol de formação atualmente, transcende e muito as 4 linhas, a competitividade das equipas e o potencial dos nossos jovens. Cientes que existe uma série infindável de áreas primordiais para o sucesso do processo formativo, temos trabalhado afincadamente no processo de certificação de entidades formadoras da FPF, uma ferramenta estrutural na qual, obtivemos pelo segundo ano consecutivo, a classificação honrosa de 89%, que se traduziu na obtenção de certificação nível 4 estrelas (monitorização e avaliação feita pela FPF).

Este processo tem contribuído para uma melhor qualidade na formação, reconhecimento do nível de qualidade do processo de formação, maior conhecimento dos atletas e fundamentalmente melhor organização do clube.

Hoje temos uma visão, missão e um plano estratégico. Um organograma com a definição clara das funções e papéis de cada um. Ao nível do recrutamento, temos um conjunto de ferramentas necessárias para receber e prestar apoio a todas as crianças e jovens. Em termos de formação, qualquer colaborador/treinador que chegue ao Leixões, encontra um dossier com as linhas orientadores referentes aos métodos de treino, jogo e formação a serem aplicadas aos jovens. Um departamento médico capaz. No que toca aos aspetos sociais e pessoais temos tutor responsável pelo acompanhamento escolar dos



 915 184 297

 AVOARNALDO  AVOARNALDO

RUA DOUTOR JOSÉ VENTURA, 178
4450-172 MATOSINHOS





jovens e pela criação de um calendário de formações dirigidas tanto a atletas como a pais e treinadores. Estamos a apostar na qualificação de todos os recursos humanos envolvidos - treinadores possuem TPTD e no regresso de ex: figuras do clube - Pedras, Cadinha, Cacheira, João Paulo, Paulo Silva, Professor José Manuel Ferreira.

Ao nível das instalações, a última década foi nefasta para a formação, fruto da perda do nosso “Maracanzinho” e do abandono dos campos do Complexo Óscar Marques. Neste período, a falta de uma “casa”, aliada à descentralização – ocupação de diferentes espaços espalhados no concelho, traduziu-se na perda de identidade. Todos sabem a importância de uma CASA, O SIGNIFICADO DE CASA, pelo que estamos ansiosos pela conclusão das obras de requalificação do Complexo Óscar Marques. A casa de formação do Leixões.

Conhecedores da importância e necessidade de uma casa para o Futebol de Formação, temos tido um papel ativo na requalificação do Complexo Óscar Marques, sensibilizando a CMM e a Matosinhos Sport para a necessidade de serem criados espaços fundamentais para a excelência do complexo e desenvolvimento dos nossos jovens. Paralelamente, fazemos votos para que o Campo de Santana (emblemático espaço localizado no centro da cidade) seja uma realidade, tal como, prometido pela nossa presidente de Câmara – Dr.^a Luísa Salgueiro no discurso da Gala do 112º aniversário do Leixões SC. Gradualmente, estamos a dar pequenos passos, para grandes conquistas.

PS – O futebol feminino vai entrar nas prioridades do clube?

JM – Sim. O regresso do futebol feminino ao Leixões, variante onde no passado recente fomos campeões sub-18, é um desiderato desta direção, porém ainda não estão reunidas as condições desejáveis para tal. É necessário garantir espaços de treino/jogo.

PS – Olhando para o voleibol, quais são os objetivos para esta temporada?

JM – Os objetivos são claros: entrar na quadra para ganhar, é a nossa forma de

estar no desporto e particularmente no voleibol. Temos obrigação de honrar os pergaminhos inerentes ao estatuto de maior potência voleibolística nacional, corolário de 97 títulos nacionais, alcançados pelas diferentes equipas da formação e seniores.

Nesta época desportiva, temos a legítima ambição de alcançar a marca dos 100 títulos nacionais. Seria uma bela forma de immortalizar e homenagear o Pai do voleibol do Leixões – o Sr. Orlando Ramos, uma referência do clube e da modalidade que recentemente partiu, poucos dias após de ter completado o seu 100º aniversário.

Na variante sénior feminina queremos ganhar todas as provas em que estamos envolvidos. Fizemos um esforço para manter a espinha dorsal da equipa e o staff técnico.

No tocante à equipa masculina, apostamos no mercado português, recrutando atletas com potencial e ambição. Nessa linha de pensamento, fomos buscar o Dinis Leão – melhor pontuador do campeonato nacional nas últimas duas épocas. O objetivo é crescer e encurtar distâncias para as equipas que habitualmente luam pelo top 4.

Na formação o objetivo é formar para ganhar; formar Homens para formar atletas competentes e íntegros na quadra e na vida.

PS – Que mensagem gostaria de deixar para os adeptos e sócios do Leixões que vão ler esta entrevista?

JM – O Leixões é feito pelos adeptos, eles são a alma e a grande força do Velhinho do Mar. O apoio, participação e presença dos adeptos é determinante para a prossecução dos objetivos que visam o engrandecimento e a sustentabilidade, mas é imperioso que todos tenham presente a importância do movimento associativo no futuro do clube.

Não obstante, a aposta no ecletismo e no reforço da competitividade, o sucesso das modalidades está fortemente dependente do contributo dos associados e simpatizantes e na conversão destes últimos em sócios.





O crescimento do número de associados e a regularização da quotização são fundamentais para a sustentabilidade do clube e obtenção dos resultados/títulos almejados por todos.

É um tremendo orgulho saber que o Leixões Sport Club é uma das marcas desportivas mais significativas em Portugal e a maior potência desportiva de Matosinhos. Um Clube mágico, inquantificavelmente grande, muito pela força dos nossos adeptos, pelo que, é importante “todos” perceberem que fazemos parte de um todo que nos liga - a grande “família do Mar”, e que remando lado a lado chegaremos a bom porto.

Por fim, faço votos para que “todos” continuem a perpetuar este sentimento único, vivido e transmitido e geração em geração.

PS – Pensando no adepto Jorge Moreira, relate uma memória que guarde com carinho, que viveu enquanto apoiante incondicional do Leixões.

JM – Na qualidade de presidente/adepto, recordo com nostalgia o episódio vivenciado no areal da Nazaré, na Fase Final de Manutenção do Campeonato de Elite de Futebol de Praia, em 2019, que ficou celebrizado como o “Barquinho da Nazaré”. Após a disputa da Fase regular do campeonato, em que registamos derrotas em todos os jogos disputados, partimos para a Fase Final (manutenção) com apenas 7 jogadores de campo, sendo unanimemente considerados como favoritos à descida de divisão. Nem os nossos adeptos acreditavam. Na semana anterior à competição foi equacionado a desistência da prova, por falta de jogadores (fomos impossibilitados pela FPF de inscrever novos jogadores) e condicionalismos inerentes à competição: realização de 3 jogos em 3 dias, disputados em horas impróprias (12.30h/14.30h), debaixo de temperaturas elevadas.

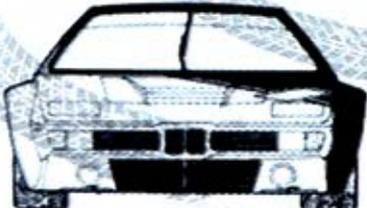
A verdade é que os Bravos d’Areia – nome como é conhecida a nossa equipa de futebol de praia, numa clara demonstração de superação, união, resiliência e vontade, viajaram até à Nazaré.

Já no balneário, minutos antes do início do 1º jogo, o grupo (no qual me inseri) deu as mãos e numa profunda demonstração de fé, ouviu silenciosamente a música evangélica “Barquinho da Nazaré”. A verdade é que não obstante não ser crente, senti que a mensagem entrou em todos nós e inexplicavelmente criou uma corrente de energia e ligação entre todos, ao ponto de entrarmos no areal e repito com apenas 7 jogadores de campo e vencer os 2 primeiros jogos, e consequentemente alcançar a manutenção na principal divisão do Futebol de Praia nacional.

Esta história tem sido dada como exemplo às diferentes equipas/modalidades do clube com relativo sucesso.



AUTO
mapusi
Reparação Automóvel



Av. D. Afonso Henriques, 1289
4450-017 Matosinhos
229 371 017 | 229 384 141 | 932 496 600
automapusi@gmail.com

**REPARAÇÕES GERAIS DE MECÂNICA
REPARAÇÕES DE CHAPA E PINTURA**



PARA **VENDER** OU **COMPRAR**
CASA EM **MATOSINHOS** OU
LEÇA DA PALMEIRA
ESCOLHA A EQUIPA

EQ SÉRGIO
MARTINS
NEGÓCIO IMOBILIÁRIO



CONCELHO MATOSINHOS E LEÇA DA PALMEIRA
& EQUIPA IMOBILIÁRIA EM QUEM MAIS FAMÍLIAS
DO GRANDE PORTO CONFIAM A VENDA DA CASA

ANGARIAMOS E VENDEMOS +100 IMÓVEIS POR ANO



**EQ SÉRGIO
MARTINS**
NEGÓCIO IMOBILIÁRIO



THE
RE/MAX
COLLECTION

PREMIADOS 15 ANOS CONSECUTIVOS
NACIONAL E INTERNACIONALMENTE

 +351 961 361 318  SMRMARTINS@REMAX.PT

   [EQSERGIOMARTINS](https://www.eqsergiomartins.com)

RE/MAX OCEANUS | VINTAGE PATAMAR - SOC. MED. IMOB. LDA AMI 10092 | CADA AGÊNCIA É DE PROPRIEDADE E GESTÃO INDEPENDENTE



REPORTAGEM EXCLUSIVA LEÇA FC



TITANS DE LEÇA

Quem tem mais de 35 anos certamente se lembrará da excelente equipa do Leça FC, nas saudosas épocas de 1995/1996, 1996/1997 e 1997/1998, onde o clube nortenho competia entre os melhores do campeonato nacional, 1ª Divisão. Com nomes como o do campeão europeu Jaime Magalhães, Constantino e até Sérgio Conceição, o “lecinha” fez as delícias dos adeptos que torciam pelo verde e branco do concelho de Matosinhos. Apesar da década de 1990 ser sempre recordada quando pensamos no Leça Futebol Clube, a verdade é que a história desta instituição começou largas décadas antes, mais propriamente em 1912, sendo hoje um dos clubes centenários em Portugal. Com atividade intermitente nos primeiros anos, seria em 1922 que o Leça seria reorganizado e integrado na Associação de Futebol do Porto.

A primeira subida à 1ª Divisão Nacional aconteceu em 1941, com uma equipa formada por atletas da terra, longe do nível profissional de outras equipas e que resultou numa rápida descida de divisão. O clube manteve-se nos escalões secundários até 1994, quando foi campeão da 2ª Divisão, tendo conquistado anteriormente o título de campeão da 2ª Divisão B. Após excelentes prestações na Primeira Liga e quando o futuro do clube parecia risonho, veio o descalabro.

Há semelhança do que aconteceu com inúmeros clubes no final do século (Salgueiros, Campomaiorense, Alverca, Farense, entre muitos outros), o Leça iria ser vítima não só do próprio sucesso, mas também de uma gestão desportiva danosa. No caso do emblema de Leça da Palmeira, a descida de divisão aconteceria na secretaria, após a conclusão do caso “Guímaro”. A



partir daí o clube entrou em espiral negativa, com vários “demónios” internos e acabou na distrital do Porto.

Com inúmeros constrangimentos financeiros, perdendo várias modalidades, o Leça FC em 15 anos tornou-se numa sombra do gigante que fora anteriormente. O ano de 2015 marcaria um novo virar de página na história dos titans de Leça, com a saída do distrital e regresso aos nacionais. De ano para ano o clube recuperou a mística de antigamente, uniu a cidade com o clube e nem a chegada de uma pandemia impediu o histórico Leça FC de continuar o seu processo de reorganização, com uma temporada surpreendente em 2020/ 2021, onde os verdes e brancos conseguiram a subida à recém criada Liga 3. Face aos problemas vindos de trás, o Leça FC não se conseguiu inscrever na Liga 3, sendo preterido pela AD Sanjoanense, regressando ao Campeonato de Portugal. Apesar deste revés, que revela que o clube ainda tem várias batalhas burocráticas pela frente, o Leça FC entra no Campeonato de Portugal, época 2021/2022, como um dos favoritos à subida e em Leça da Palmeira finalmente se volta a respirar futebol.

Sem necessidade de fechar portas, refundar o clube ou criar uma nova instituição, o centenário Leça FC conseguiu perante as dificuldades manter a sua identidade, história e património, e com um caminho assente na seriedade voltou a ganhar expressão no futebol português. Mercidamente distinguido como um clube com história, o regresso do Leça FC às principais lides do desporto-rei passará essencialmente pela estabilidade que a direção conseguirá dar ao rumo do clube e pelo número de vezes que a bola vai beijar a rede nas próximas temporadas.

Rapid Fit&Well

Leça da Palmeira



229 940 089 | 964 701 243

lecadapalmeira@rapidfitwell.pt

www.rapidfitwell.pt

Av. Dr. Fernando Aroso, n.º 676 R/C



ENTREVISTA AO PRESIDENTE ADJUNTO FERNANDO MONTEIRO DO LEÇA

“Temos uma base jovens que procura singrar no futebol”

PORTUGAL SPORT – O Leça é um histórico português, que passou por um período menos bom, mas que agora está em caminho ascendente. De que forma conseguiram reorganizar o clube, sobretudo nesta fase pandémica, de modo a conseguirem uma época francamente positiva, como foi o caso da última temporada?

FERNANDO MONTEIRO – É sabido que o Leça tem passado dificuldades a partir dos anos 2000. Tivemos uma herança pesada, no mau sentido, deixada pelas anteriores direções. O ano passado tivemos um parceiro que nos ajudou de alguma forma, fizemos uma equipa com qualidade e conseguimos um campeonato fantástico, que nos deu o acesso à Liga 3. Infelizmente por processos vindos de trás, não conseguimos inscrever o clube na terceira Liga. Nós como clube conseguimos desenvolver todo o processo nesse sentido, mas a Federação Portuguesa de Futebol não nos aceitou. Inscrevemos o clube como SAD, e a Liga aceitava. A FPF não aceitou e tivemos de continuar no Campeonato de Portugal.

Foi uma luta inglória, estivemos perto da própria Liga 2, foi um ano incrível, com a ajuda de todos, direção, staff, jogadores, equipa técnica, trabalhamos todos muito para conseguir subir de divisão. Infelizmente a FPF não aceitou as nossas certidões.

PS – O lugar do Leça desportivamente seria a Liga 3. Este ano os adeptos serão exigentes com a equipa e com os resultados desportivos, uma vez que o Leça desportivamente deu provas o ano passado que consegue competir acima do Campeonato de Portugal?

FM- A massa adepta do Leça é sempre exigente, não se preocupa se o clube tem dinheiro ou não. O Leça hoje não pode ter subsídios nem apoios em vários meios. A Associação Cultural e Recreativa de Leça da Palmeira foi criada para poder receber os subsídios da formação e essas coisas todas. Os grandes subsídios, as grandes empresas de publicidade, não estão a pagar. E as que pagam pela associação sabem que o Leça está em dificuldades e fazem propostas baixas. E nós temos de aceitar.

Mas a exigência dos sócios é a mesma. Eles não querem saber se há dinheiro ou não, querem ganhar jogos e se o Leça não ganha protestam com a direção. Isso é unânime no futebol. Mas estamos convencidos que vamos fazer uma época, ao espelho do ano passado.

Começamos bem, temos uma boa equipa que mistura a experiência e a juventude. Temos uma base muito jovem, com garra, força e que querem singrar no futebol. Nada cai do céu, eles tem de trabalhar para isso. É o que estão a fazer. A equipa técnica está contente com os jogadores e os jogadores estão contentes com a equipa técnica.

Mesmo nos treinos se nota que temos uma grande relação entre plantel e técnicos. Temos confiança que as coisas vão correr bem.

Mas continuamos à procura de um parceiro que nos ajude em termos económicos, para poder resolver problemas que estão para trás. E também que nos ajude a projetar um futuro vencedor. Também já estou no clube há alguns anos e temos de fazer a ponte para a nova geração. Estou nesta casa desde 2002, primeiro como vice, depois de 2007 até 2010 como presidente, e desde aí como presidente adjunto. E apanhei todo o tipo de situações, com anos



Presidente Adjunto: Fernando Monteiro





difíceis. Em 2007 o clube tinha orçamento de Liga 2. Quem cá estava era irresponsável, no primeiro mês quase não havia dinheiro para pagar ordenados.

Também não consegui formar uma direção, trabalhamos com muito pouco tempo e foi extremamente complicado colocar um rumo no clube. Vivemos coisas “gangstarianas”. Mas o futebol desde aí mudou muito, as pessoas que tem vindo para o clube tem muita qualidade, dão-nos muito apoio e segurança.

Por isso, o futuro do Leça está garantido. Mas enquanto cá estou continuo com a mesma paixão. Tantos anos a viver o clube, torna-se a nossa vida. E estamos com vontade, força e vamos levar o Leça para o bom porto. Em três, quatro anos colocamos o Leça limpinho e depois vamos lançar o clube para novos voos.

Nesta fase, falta aparecer o investidor, que queira trabalhar no Leça e respeite o clube.

PS – Os problemas inerentes à pandemia dificultou a capacidade de gestão do clube? Sobretudo em termos de formação?

FM – Houve muita gente que desertou. Os pais tinham medo, não levavam os miúdos aos treinos. A formação parou em termos competitivos e isso desmotiva os miúdos. Mas estamos a arrancar bem. A juventude gosta de desporto e de futebol, por isso os miúdos vão voltando. Mas claro que ainda não é a mesma coisa. Será uma questão de tempo até voltar ao normal.

PS – O futuro dos clubes portugueses vai passar pela formação?

FM – Devia passar. Não entendo o caso de grandes clubes, com jogadores fantásticos nas seleções, e que depois não são aposta na primeira equipa. Cancelo, Bernardo Silva, saem daqui e dão cartas nos gigantes europeus.

Nós, Leça FC, somos obrigados a vender, mas vendemos os melhores depois de jogarem três ou quatro anos no clube. Os clubes tem de aproveitar a formação. Ainda para mais o jogador é da terra, começa no clube, sente a camisola de forma diferente. Quando eles sentem o emblema, são jogadores diferentes. E a formação é uma aposta do Leça.

Temos escalões dos sete aos 19 anos, com mais do que uma equipa por escalão. E isso não era uma realidade no passado. Temos hoje uma estrutura, algo bem feito, temos a formação certificada, só falta termos uma equipa nos nacionais.

O Leça ainda está a sair da incubadora, com alguma segurança e ponderação. Seja na formação ou noutra aspeto qualquer, o nosso trabalho tem sido sempre seguro e consciente.

PS – Ao longo destes anos todos, com subidas e descidas, a relação entre o Leça FC e Leça da Palmeira, manteve-se forte?

FM – Em Leça há uma situação *suis generis*. Éramos uma freguesia de verão, para onde vinham os ingleses. Quando começou a evolução imobiliária, chegaram muitas pessoas que não eram de Leça. E não se soube na altura chamá-los para o clube. Aliás, o Leça com os anos perdeu inclusivamente as modalidades. Tivemos um presidente que acabou com as modalidades. Por isso é que hoje Leça da Palmeira tem outras coletividades onde as modalidades estão albergadas.

gelato mio

GELATARIA ARTESANAL
BAR ITALIANO

Brunchs & Snacks



Waffles & Crepes



Gelados



☎ 936 718 353

f gelataria.gelato.mio

@ gelataria_gelato_mio

Travessa Henrique Schreck n. 28,
4450-578 Leça da Palmeira



Perdemos muitos atletas e sócios com o que se passou, e os clubes que deram seguimento ao andebol e ao basquetebol começaram do zero, sem condições nenhuma, mas seguiam em frente porque gostavam das modalidades. E hoje são coletividades respeitadas e com uma identidade própria.

Independentemente de tudo, o leceiro sempre esteve com o Leça, levamos pessoas onde quer que vamos jogar. Existe nesta freguesia um bairrismo muito grande. Foi uma pena o que fizeram às modalidades. Ainda hoje no futebol, se formos jogar a Paredes, enchemos o estádio com leceiros. E é um amor que segue de geração em geração, de pai para os filhos, que depois fazem passar a mística do clube aos seus descendentes.

PS – Para quando o futebol feminino no Leça FC?

FM – Assim que tivermos condições para tal. Hoje vemos cada vez mais mulheres nos estádios, temos excelentes atletas a jogar futebol em Portugal, é um segmento cada vez mais forte e vamos no futuro investir no feminino. Mas primeiro temos de livrar o Leça dos problemas que tem, e construir com segurança o nosso futuro.

Há problemas de há 20 anos por resolver. Essa é a nossa missão. Mas temos todo o respeito pelo futebol feminino e é algo que queremos definitivamente incluir no clube. Neste momento temos o futebol, a formação, bilhar, patinagem e futsal. E já é algo que pesa bastante para tudo o que Leça pode suportar.

PS – Que memória guarda com mais carinho que envolva o Leça FC?

FM – Com um orçamento de 4 mil euros, fomos campeões distritais. Tínhamos jogadores a ganhar 50 e 75 euros. Era um ano zero, completamente sem

expetativas. Fomos campeões e alcançamos o Campeonato de Portugal. Foi um feito marcante e que não está ao alcance de qualquer um.

De memórias antigas, quando o Leça subiu pela primeira vez e tinha uma equipa verdadeiramente maravilhosa.





Visite-nos

Areal Gordo - Sucata em Faro
Parque Multiusos do Areal Gordo Lote 2F
8005-409 Faro

E-mail: farmetais@hotmail.com

Telefone: 289 801 381

Telemóvel: 919 711 641

Web: <http://www.farmetais.pai.pt>



DRIVING IT
SINCE 2003



CARS &
CARS

COMÉRCIO AUTOMÓVEL
EN125 KM99 · 8005-412 FARO · WWW.CARSANDCARS.PT

